



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

ANDRIELLY CORREIA SINÉZIO DA SILVA

**SUBJETIVIDADES EM TEMPOS LITERÁRIOS E MIDIÁTICOS:
PERMANÊNCIA E SUBVERSÃO EM “MENINA BONITA DO LAÇO DE
FITA”, DE ANA MARIA MACHADO**

JOÃO PESSOA

2019

ANDRIELLY CORREIA SINÉZIO DA SILVA

**SUBJETIVIDADES EM TEMPOS LITERÁRIOS E MIDIÁTICOS:
PERMANÊNCIA E SUBVERSÃO EM “MENINA BONITA DO LAÇO DE
FITA”, DE ANA MARIA MACHADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras da
Universidade Federal da Paraíba como
requisito para obtenção de grau de Licenciada
em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França
Rodrigues

JOÃO PESSOA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

S586s SILVA, Andrielly Correia Sinezio da.

SUBJETIVIDADES EM TEMPOS LITERÁRIOS E MIDIÁTICOS:
PERMANÊNCIA E SUBVERSÃO EM MENINA BONITA DO LAÇO DE
FITA?, DE ANA MARIA MACHADO / Andrielly Correia Sinezio
da Silva. - João Pessoa, 2019.

36 f. : il.

Orientação: Hermano de França RODRIGUES.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura afro-brasileira; construção identitária.

I. RODRIGUES, Hermano de França. II. Título.

UFPB/CCHLA

ANDRIELLY CORREIA SINÉZIO LINS

**SUBJETIVIDADES EM TEMPOS LITERÁRIOS E MIDIÁTICOS:
PERMANÊNCIA E SUBVERSÃO EM “MENINA BONITA DO LAÇO DE
FITA”, DE ANA MARIA MACHADO**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM LETRAS

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ata de sessão de defesa de Monografia para obtenção do grau de Licenciatura, conferido a **Andrielly Correia Sinézio da Silva**. No terceiro dia do mês de maio de dois mil e dezenove, reuniram-se na UFPB, Campos I, João Pessoa, os membros da Banca Examinadora composta pelos Professores Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB), Profa. Ms. Elisângela Marcos Sedlmaier (UFPB), Profa. Ms. Marcília Poncyana Félix Bezerra (UFPB) e Profa. Ms. Ana Paula Serafim Marques da Silva, com o objetivo de proceder à arguição da monografia intitulada **Subjetividades em tempos literários e midiáticos: permanência e subversão em "Menina bonita do laço de fita"**, de Ana Maria Machado, requisito conclusivo para obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras – habilitação Língua Portuguesa. Após a arguição, os membros da Banca reuniram-se para deliberar sobre a nota a ser atribuída à monografia. O(A) presidente da sessão comunicou ao(à) aluno(a) e demais presentes que, por decisão da Banca, foi atribuída à monografia a nota 10,0. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, assinada pelos membros da Banca. João Pessoa, 03 de maio de 2019.

Hermano de F. Rodrigues
Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)
Orientador(a)

Ana Paula Serafim Marques da Silva
Profa. Ms. Ana Paula Serafim Marques da Silva
Examinadora(a)1

Elisângela Marcos Sedlmaier
Profa. Ms. Elisângela Marcos Sedlmaier (UFPB)
Examinador(a)2

Marcília Poncyana Félix Bezerra
Profa. Ms. Marcília Poncyana Félix Bezerra (UFPB)
Examinador(a)3

Dedico este trabalho a Vitor Gabriel e Laércio Júnior, como expressão da minha luta para que eles tenham orgulho de terem uma mãe representante da educação, e percebam que ajudar as pessoas com o conhecimento sempre será a melhor saída para a ignorância.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades, que não foram poucas, mas que me fizeram crescer como ser humano.

A minha mãe Josilene por tanto ter me dado força, e não medir esforços para cuidar dos meus filhos quando eu estava nas aulas, e ao meu pai Edmilson, deles recebi amor, incentivo e apoio incondicional. A minha irmã Edlaine por ser meu referencial de mulher determinada e empoderada.

Aos meus filhos que mesmo sendo crianças e não compreendendo ainda o tamanho da responsabilidade e a importância da vida profissional, estiveram ao meu lado.

Agradeço a Américo por ter sido o companheiro apoiador dos sonhos e das vitórias, sempre me ensinando de forma paciente e amorosa.

A Universidade Federal da Paraíba, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

Ao meu orientador Hermano de França, pelo suporte, pelas suas correções e incentivos.

Agradeço as professoras Ana Paula Serafim Marques da Silva e Elisângela Marcos Sedlmaier por aceitarem o convite de fazer parte da banca examinadora e pelas contribuições.

A todos os amigos de curso, que sempre estiveram me apoiando.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

*Só se chega por acaso, pois é
impossível encontrar o caminho
sem se perder.*

Ana Maria Machado

RESUMO

Neste trabalho, objetivamos analisar e discutir a importância da literatura infantil e juvenil na construção de identidade étnico-racial da criança negra, no contexto do Ensino Fundamental II, etapa crucial para o desenvolvimento da criança. Nessa perspectiva, analisaremos a obra *Menina bonita do laço de fita* (1986), de Ana Maria Machado (1941) para compreender a construção identitária e os estereótipos que recobrem certos personagens da literatura infantil, bem como na mídia. Trazemos também para a discussão parte de nosso projeto de Estágio Supervisionado. Metodologicamente, empregamos a pesquisa descritivo-interpretativa de cunho qualitativo para a revisão bibliográfica. Como base teórica, recorremos a Debus (2013), Abramovich (1991), Candido (1995) e Coelho (2005). Como resultado, tivemos o objetivo de comprovar que o estudo de literatura afro-brasileira é de grande importância para a vida estudantil das crianças de 6º ano fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: *Menina bonita do laço de fita*; Literatura afro-brasileira; construção identitária.

ABSTRACT

In this work, we aim to analyze and discuss the importance of children's and youth literature in the construction of ethnic-racial identity of the black child, in the context of Elementary Education II, crucial stage for the child's development. From this perspective, we will analyze Ana Maria Machado's (1941) play *Menina bonita do laço de fita* (1986) to understand the identity construction and stereotypes that cover certain characters in children's literature, as well as in the media. We also bring to the discussion part of our Supervised Internship project. Methodologically, we used descriptive-interpretive qualitative research for the bibliographic review. As a theoretical basis, we used Debus (2013), Abramovich (1991), Candido (1995) and Coelho (2005). As a result, we aimed to prove that the study of Afro-Brazilian literature is of great importance for the student life of the children of the 6th fundamental year.

KEYWORDS: *Menina bonita do laço de fita*; Afro-Brazilian literature; identity construction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A IMPLANTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA INFANTIL NAS ESCOLAS.	12
1.1 A lei 10.639/03 e as mudanças significativas na literatura infantil e juvenil afro-brasileira	12
2 LITERATURA INFANTIL: CAMINHOS HISTÓRICOS POSSÍVEIS PARA UMA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.....	15
2.1 A produção Disney e o possível apagamento da igualdade de condições dos afrodescendentes.....	15
3 ESTEREÓTIPOS DOS PERSONAGENS NA LITERATURA INFANTIL.....	20
3.1 <i>Menina Bonita de Laço de Fita</i> (1986): apontamentos	20
3.2 Refletindo sobre os estereótipos na literatura.....	22
3.2.1 A temática em sala de aula: “A influência da literatura afro-brasileira uma linguagem figurada e derivada”	25
3.2.2 Resumo das atividades realizadas no Estágio supervisionado.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

O interesse na abordagem da temática “construção identitária e os estereótipos midiáticos” surgiu a partir do momento em que começamos a compreender algumas situações vivenciadas no âmbito da sala de aula durante a realização do Estágio Supervisionado, no curso de graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). As dúvidas e o desconhecimento dos alunos a cerca da temática negra, fizeram aflorar um desejo antigo que foi despertado, também, ao cursar a disciplina de literatura infantil e juvenil (LIJ), na mesma instituição.

Nossa intenção, nesta pesquisa, é refletir e pontuar questões relativas à urgência do trabalho escolar quanto ao encaminhamento dado pela escola à presença do negro no Brasil, principalmente, na primeira série do Ensino Fundamental II, 6º ano.

Sabe-se que a LIJ constitui um eficiente recurso para trabalhar diversas temáticas em sala de aula e também fora dela, portanto, o reconhecimento racial faz parte desse universo que a LIJ engloba. Nesse viés, escolhemos como *corpus* deste trabalho o livro *Menina bonita do laço de fita* (1986), de Ana Maria Machado (1941), por ser uma obra representativa da temática e que valoriza nossas origens africanas, colocando os envolvidos (receptor e interlocutor) ativamente na sociedade em que vive.

Posto isso, constituem-se como objetivos deste trabalho analisar e discutir a importância da Literatura Infantil na construção de identidade étnico-racial da criança negra no contexto do Ensino Fundamental anos finais, etapa determinante para o desenvolvimento da criança; mostrar a evolução de estereótipos no decorrer e ao longo da LIJ, bem como analisar o contexto histórico e social, com o intuito de compreender como acontece o processo de influência midiática no universo da comunicação; apresentar parte do relatório do Estágio Supervisionado, “A influência da literatura afro-brasileira: uma linguagem figurada e derivada”.

Quanto à metodologia aplicada a este trabalho, utilizamos, quanto à fonte dos dados, a pesquisa bibliográfica e documental; quanto ao objetivo, a pesquisa descritiva, de cunho qualitativo; e a pesquisa aplicada, no tocante à exposição do projeto realizado durante o estágio supervisionado. Levando-se em consideração esses aspectos, toda pesquisa terá fundamentos teóricos, comprovados por autores e pesquisadores da área dos conteúdos abordados.

Vale ressaltar que o presente trabalho integra aos recentes estudos sobre literatura afro-brasileira, que visa contribuir para o trabalho e a presença da temática em sala de aula, dando visibilidade a obra *Menina bonita do laço de fita* (1986), e a sua escritora Ana Maria Machado. Diante disso, resolvemos fazer uma análise da obra como construção literária, estética e étnico-racial, contribuindo, assim, para os estudos sobre o preconceito racial, a negação e intolerância à diferença e da recusa de nossas origens multiétnicas.

No tocante à estrutura do trabalho, elencamos três seções principais: a) realizamos um estudo histórico sobre o percurso dessa área que cresce cada vez mais a partir da Lei nº 10.639/03; discutimos, mesmo que sucintamente, sobre o surgimento de obras marcadas por estereótipos que não valorizam a qualidade estética; e sobre como o mercado editorial contribuiu/contribui para a efervescência dessas obras; b) discorreremos sobre a importância e a influência da LIJ na construção da identidade afro-brasileira, bem como o seu possível apagamento propagado pela produção Disney; c) apresentamos a análise da obra *Menina bonita do laço de fita* (1986), de Ana Maria Machado (1941), trazendo aspectos relevantes e sua significação, tanto da narrativa verbal quanto das ilustrações, desde o período de sua publicação, década de 80. Destacamos como a obra pôde contribuir para a descoberta da identidade afro junto às crianças, abarcando os estereótipos que circundam a temática estudada; Por fim, expomos parte do nosso projeto de estágio supervisionado intitulado “A influência da literatura afro-brasileira uma linguagem figurada e derivada”, com o intuito de divulgar um projeto de intervenção voltado para as artes que envolvem a cultura afro-brasileira.

Os resultados apontam que uma obra como *Menina bonita do laço de fita* (1986) contribui, quando bem abordada, para a vivência escolar dos alunos, pois traz para a literatura uma realidade de relatos com experiências.

1 A IMPLANTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA INFANTIL NAS ESCOLAS.

Nesta seção, apresentamos a Lei nº 10.639/2003 que tem por objetivo tornar obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Esta lei preconiza que professores devem ensinar, em suas aulas, a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira. Os alunos devem compreender que a raça afro-brasileira possui uma singularidade primordial, sendo considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros. Tal valorização e incentivo trazem para as escolas a compreensão e a construção de narrativas que confrontam os discursos dominantes.

1.1 A lei 10.639/03 e as mudanças significativas na literatura infantil e juvenil afro-brasileira

Quando se trata da literatura afro-brasileira podemos afirmar que nem todas as escolas a adotam como primórdio da base de educação ou diversidade, afetando, assim, uma grade de conhecimentos genealógicos, impedindo que as crianças e os jovens negros se identifiquem com personagens e com histórias inseridas no contexto da sua realidade.

No entanto, essa realidade vem mudando desde 9 de janeiro de 2003 quando foi sancionada a Lei nº 10.639 que reformula a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e trata da obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira na educação básica, a ser aplicada na disciplina de língua portuguesa com a inserção do ensino das Literaturas Afro-Brasileiras e Africanas. Tal lei contribuiu para o crescimento do ensino dessas temáticas no âmbito escolar, como forma de ensinamento e conscientização ao respeito das relações étnico e raciais, enfatizando assuntos como, a História brasileira, Literatura Afro-Brasileira a serem aplicadas na prática pedagógica e no ensino da literatura infantil e juvenil. Conforme podemos verificar abaixo:

Art. 3º A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdo, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 003/2004 (DCN, 2004, p. 32).

Desse modo, é primórdio que os educadores não só fale da história como da cultura Afro-Brasileira e Indígena, no espaço escolar, mas que enfatizem a valorização e a influência cultural dos povos que compõe a raça, para desconstruir a visão pejorativa do negro no Brasil. Nesse prisma, sendo o nosso país mestiço devido a sua colonização e imigração, as crianças devem conhecer sua parte histórica a partir da literatura, sem alimentar preconceitos ou desigualdade ensinando sobre a cultura e a diversidade de nosso país. Pois, antes da lei só se discutia temáticas como a escravidão, a abolição e suas razões, e a luta do negro pela inserção social e igualdade de condições.

Após a implantação da lei surgem, significativamente, temáticas em que o negro passa a ser protagonista, principalmente, em narrativas que contemplam histórias da tradição oral africana. Mas, sabe-se que nem tudo foi positivo com o aparecimento dessa lei, já que passou a ter um *boom* de obras que tratam a princípio do preconceito, surgindo uma literatura como pretexto didático, usando o negro como estereótipo negativo (sofrimento, afirmação identitária), desvalorizando, desta forma, a figura do negro seja pela ilustração ou pelo texto. Desta forma, após a lei, muitas obras começaram a circular, na sua maioria, com intuito que não o literário e muito menos como representação da história e cultura afro-brasileira. Como podemos verificar na reflexão de Eliane Debus (2007) sobre os problemas de ser ter uma obra que desvaloriza a figura negra na literatura:

[...] a obra literária exerce no leitor um “poder”, seja negativo, seja positivo. No primeiro caso, ao trazer para o leitor personagens submissas, sem noção de pertencimento, desfiguradas de sua origem étnica, não há ampliação do seu repertório cultural, o que colabora para uma visão deturpada de si e do outro. Por outro lado, a identificação com personagens conscientes de seu papel social, de suas origens, e respeitosos diante da pluralidade cultural acena para uma relação de respeito ao outro. (DEBUS, 2007, p. 268)

Outros problemas surgidos com a implantação da supracitada lei é a questão do mercado editorial que buscou se adequar às temáticas exigidas por ela, crescendo o número de obras publicadas que atendem à temática. Muitas, todavia, não tem qualquer valor estético literário (a estética como contributo para as relações étnico-raciais).

Conforme as pesquisas de Maria Anória Oliveira (2010), geralmente os livros apresentam temas com tendências de classificações sobre: cotidiano familiar; identidade negra; autoestima; cosmovisão africana; relação familiar. Com eixos que se dividem em: a representação folclórica do negro; contos e recontos africanos (natureza de exploração

lúdica por meio da recolha); representação do negro no período escravocrata e pós-escravocrata; personagens (crianças e adultos) contemporâneas em situações cotidianas; e narrativas de caráter informativo, embora estejam nos catálogos de literários.

Sabemos que “[a] presença de personagens negras ou de elementos da cultura africana e afro-brasileira em narrativas de recepção infantil e juvenil, produzidas no Brasil, quase que inexistia anteriormente à década de 1970 [...]” (DEBUS, 2013, p. 103). Só por volta do ano de 1986, alguns autores, como Ziraldo em *O menino marrom* (1986) e Ana Maria Machado com *Menina Bonita de Laço de Fita* (1986), começaram a abrir espaço em suas obras para a representatividade do negro um pouco diferente do que já se estava habituado a existir, são obras que dialogam com a temática antes mesmo de todos esses engendramentos legais e que escolhemos como *corpus* a segunda obra e que iremos nos debruçar mais à frente.

No próximo capítulo, iremos discutir como a influência dos contos de fadas apresentados pela Disney contribuiu e contribui para o possível apagamento da igualdade de condições dos afrodescendentes.

2 LITERATURA INFANTIL: CAMINHOS HISTÓRICOS POSSÍVEIS PARA UMA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Neste capítulo, iremos apresentar a importância e a influência que a literatura tem sobre a vida das crianças, como elas se identificam com os personagens que envolvem a literatura. Como sabemos, a construção da identidade será formada a partir dos referenciais que forem a elas apresentados, sendo assim, podemos destacar os livros de literatura infantil, personagens, desenhos animados e brinquedos, sem contar que o meio em que o indivíduo vive também o influencia, ou seja, a identidade não deve ser vista como algo estático e imutável.

2.1 A produção Disney e o possível apagamento da igualdade de condições dos afrodescendentes.

Segundo Gloria Pimentel Souza (2006), é possível observar três momentos importantes para a composição do cenário da Literatura Infantil e Juvenil brasileira: Fase inicial (fins do século XIX até o início do XX: eram traduções e adaptações de obras europeias e obviamente que o apagamento do negro era evidente); Fase de Transição (primeira década do século XX até a década de 1960: a imagem do protagonista negro começa-se historicamente ser construída, mas o negro aparece, ainda, de forma marginalizado e estereotipado negativamente (associado a sujeira, miséria, bandidagem); Fase de expansão (a partir de 1970: *Boom* da literatura e, principalmente, após a lei que vigorou por meio de uma discussão não da literatura, mas sim de movimentos sociais, esse negro surge na literatura de forma mais exigente e fiscalizada para que ele apareça de forma não estereotipada negativamente).

Tendo em vista que a LIJ já tem um nível de importância imensurável na atualidade, quando se trata então da temática ético-racial, temos que reafirmar a importância dela. Durante muito tempo todos nós conhecemos histórias de princesas brancas, de olhos e cabelos claros, pelo menos eram assim que as gravuras eram criadas sobre os contos de fadas – principal gênero apresentado as crianças ainda na primeira da fase da infância, no qual os personagens tornam-se modelo inspirador para elas. A descrição dos personagens desde os primórdios da criação das histórias infantis e juvenis sempre desqualificou a criança negra, sendo elas, nas suas representações, pobre ou empregado.

Conforme Sueli de Souza Cagneti e Cleber Fabiano da Silva (2013), hoje, a temática das relações étnico-raciais, no contexto brasileiro, vem sendo trabalhada na perspectiva do encadeamento de poder, expresso, por um lado, nos processos de inclusão e, por outro, por demandas que possam reparar esses grupos identitários e invisíveis para a sociedade, especialmente no que tange: ao silêncio historiográfico sobre a trajetória de luta dos sujeitos individuais e coletivos afro-brasileiros, a urgência e também desafio de desnaturalização das desigualdades raciais e do colonialismo traduzido pela perspectiva da cor branca das práticas e saberes e à necessidade de construção de uma nova lógica, pautada no diálogo entre culturas que valorizem os sujeitos afro-brasileiros, assim como espaços e práticas de matriz africana.

As histórias literárias escritas e com personagens negros integram a minoria. São elas consideradas minorias étnicas em virtude de estarem à margem da sociedade de escritores que ganharam fama no século XIX, como é o caso dos Irmãos Jacob Ludwig Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) que teve versões de seus contos adaptados para desenhos pela produção Disney. Como, em sua maioria, os escritores de renome eram brancos e europeus dificilmente a literatura étnico-racial iria ganhar espaço, ainda com uma sociedade racista e em condições de desigualdades absurdas. Isso se deu também na imagem negativa que foi construída há mais de trezentos anos, e que ainda hoje impede que normas programáticas viabilizem a inclusão do negro nas vastas áreas sociais. Como afirma Cagneti (2013)

Não se pode perder de vista que nossa história com a África se inicia através da chegada ao Brasil de grandes levas de navios negreiros, trazendo para o trabalho braçal negros de diferentes etnias: nagô, jeje, fon, banto, male. Essa diversidade, logicamente, nos seus diferentes olhares influenciou a escritura dos afro-brasileiros e também a disseminação dos mitos e ritos que são provenientes de um imaginário tão multifacetado. (CAGNETI, 2013, p. 23)

Assim, em animações e filmes com essas produções, podemos dizer que as imagens das princesas dos contos de fadas não são apenas visualização, elas possuem significados até mesmo na linguagem expostas pelos personagens, transmitindo assim uma ideia igualitária, no entanto, há uma outra mensagem.

Quando os contos foram adaptados, ficou ainda mais claro a questão do preconceito e da exclusão dos afrodescendentes e dos que viviam numa classe social baixa, da Disney Pixar e outros voltados para o público infantil que legitimam

a desigualdade social, naturalizando-a como algo benigno que está na herança genética da sociedade e retratando a riqueza como resultado exclusivo do mérito e valor moral do indivíduo.

Jhennefer Alves Macêdo (2017) apresentou em seu Trabalho de conclusão, intitulado *Do Esquecimento ao Protagonismo: As Princesas Negras na Literatura Juvenil*, obras que levantam algumas dúvidas referentes a sua adequação na representatividade das características africanas ao serem inseridas temáticas de contos de fadas, sendo essas releituras das versões primárias escritas por Charles Perrault, irmãos Grimm e Hans Christian Andersen e que a Disney, recorrentemente, adaptou. Deste modo ela elenca as seguintes obras: *A Princesa e a Ervilha* (2010), escrito e ilustrado por Rachel Isadora, *Rapunzel e o Quibungo* (2012), adaptado por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, e ilustrada por Walter Lara, *Pretinha de Neve e os Sete Gigantes* (2013), de Rubem Filho, e *Cinderela e Chico Rei* (2015), dos autores Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho.

Saindo desse cenário da Disney e dos contos de fadas, Macêdo (2017) analisou, ainda, três adaptações de histórias das princesas africanas, a saber: *A lenda da Pemba* (2009), de Márcia Regina Silva; *Aqultune e as histórias da África* (2012), de Ana Cristina Massa; *Zacimba Gaba, a Princesa Guerreira: a história que não te contaram* (2014), de Noélia Miranda. Na análise, a autora destaca os traços das culturas africanas e as possíveis contribuições que essas obras estão proporcionando para o reconhecimento da memória das princesas africanas desvinculada do estereótipo marcado pela Disney, reafirmando, assim, a construção identitária desse povo.

Por isso, ao iniciar o conhecimento da literatura étnico-racial, entendeu-se que seria necessário influenciar e repassar todo conhecimento adquirido junto com cada obra que foi apresentada especialmente *Menina bonita do laço de fita* (1986), de Ana Maria Machado, no entanto, ao descobrir as inúmeras riquezas de livros infantis escritas por indígenas e africanos, ou até mesmo por admiradores dessas culturas como é o caso Ana Maria Machado, o fato é, que todos, assim como nós, deveriam apresentar essas belezas, que são muitas vezes desvalorizadas e esquecidas. Até mesmo para montar a ideia de suas origens e desmontar o racismo dentro da escola que muitas vezes vem da influência dos desenhos que formam estereótipos na mente das crianças.

O fato é que se a construção de identidade se dá mediante a forma como se é visto pelo outro e por meio da interação com o outro, se este outro é também a criança branca,

e esta muitas vezes não é incentivada ou não tem acesso a obras que valorizem o negro, como será possível esta construção?

É nesse pensar que essa construção valoriza e engrandece a cultura negra, e desconstrói a ideia de que negro é desprovido de níveis intelectuais ou a até mesmo de boas lições de aprendizado, fornecido muitas vezes pelas contadoras de estórias, que impulsionaram e inspiraram grandes escritores negros.

E o contar histórias muitas vezes é tão importante quanto lê-las, a literatura como um todo tem total importância e essencialidade para toda a sociedade independentemente da cor, sexo e/ou religião. Pois,

O prazer em ouvir histórias, desperta o interesse de adultos e crianças, por isso, é fundamental que tenhamos contato com o universo literário, antes mesmo de aprender a falar. Porém, esse primeiro contato, não deve se restringir no ouvir histórias, mas também, o sentir, o tocar, o apreciar visualmente e emocionalmente a obra literária, desse modo, o livro pode exercer papel essencial na vida da criança quando esta desde cedo é estimulada e incentivada a ter um contato “íntimo” com esse objeto que é mais que um simples portador de imagens. Sendo assim, “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o tatear, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma ou outra história). Afinal tudo pode nascer dum texto”. (ABRAMOVICH, 1991, p. 23)

Porém, é preciso conhecer o universo da criança para então oferecer leituras que despertem seu interesse pelo universo literário. É imprescindível que a criança tenha oportunidade de experimentar leituras, por meio de diferentes suportes de textos e, assim, descobrir, por si mesma, o equilíbrio entre o que é bom, ruim, agradável e necessário ler.

Nesse caso, sua cultura será essencial, pois toda e qualquer criança deve conhecer suas origens, bem como, todos os seus pontos positivos e negativos, para que ela tenha condições de se posicionar criticamente, formando, assim, um leitor vulnerável a receber e a escutar histórias que contemplam diversos temas textuais.

É importante ressaltar que, teoricamente, entendemos que as diferenças são sempre construções sociais e as que têm nos mobilizado são aquelas que enfrentam e disputam as relações de poder que as hierarquizam. Rompemos, desta forma, com uma visão essencialista da diferença cultural, perspectiva que mascara as normas etnocêntricas e serve apenas para conter tais diferenças.

É exatamente o caso do *corpus* desta pesquisa, a escritora deixa claro através da mãe da menina que existe toda uma história de seus descendentes, para que as

características étnicas e culturais fossem formadas ao decorrer dos séculos. Assim, como a personagem infantil do livro, outras crianças no dia a dia têm dúvidas sobre suas origens. O leitor criança ou adolescente afro-brasileiro pode olhar para o livro e reconhecer que existem elementos específicos da sua raça/etnia/cor e vivenciar um sentimento de prazer e de grande satisfação. Dessa forma, no próximo capítulo, debruçaremos mais sobre a obra *Menina bonita do laço de fita* (1986).

3 ESTEREÓTIPOS DOS PERSONAGENS NA LITERATURA INFANTIL

Nesta seção, tratamos dos problemas relacionados aos estereótipos que estão vinculados com a literatura infantil e juvenil, bem como a desvalorização e o preconceito de apresentado de forma subjetiva, nos contos e nas animações midiáticas. Também, analisamos a figura das personagens afrodescendentes que circulam nos referidos gêneros.

3.1 *Menina Bonita de Laço de Fita* (1986): apontamentos

Ana Maria Machado apresenta uma narrativa cujo mote é o embelezar-se de uma menina negra, de olhos bem negros e que tem os cabelos trançados com fitas coloridas nas pontas. Há também um coelho branco encantado que é um grande admirador da cor da pele da menina. E ele, por achá-la bonita, começou a perguntar diversas vezes qual o segredo que ela tinha para ser tão pretinha. No decorrer da história, a menina não sabia, mas inventou que devia ser porque havia caído na tinta preta quando era pequenina. No outro dia inventou que ela tinha tomado muito café quando era pequenina. Depois inventou que devia ser porque comeu muita jabuticaba quando era pequenina. A menina não sabia a resposta e chegou, ainda, a inventar uma história de feijoadada. Dessa forma, pelas respostas da menina, percebe-se que a sua história se aproxima do cotidiano de uma criança que não passou por um processo de construção de identidade. Nesse momento, a mãe dela interfere, explicando que nós somos parecidos com nossos familiares. Assim, o coelho entende que, se casasse com uma coelha preta, poderia ter filhos da cor que ele tanto queria ser. O tal casamento se realiza e tiveram uma ninhada de filhotes de várias cores, preto, branco, etc., fato que representa a riqueza proveniente da nossa miscigenação.

Sob tal ótica, o livro apresenta uma forma de explicar a criança à organização social da família, uma pluralidade racial, trazendo um diferencial na valorização da criança afro-brasileira, pois, como foi dito anteriormente, são raras as obras – na época de sua produção, circulação – voltadas a esse público. Vale salientar que na época de publicação da obra, final dos anos 80, ela foi realizada, pensada, estruturada sem a obrigatoriedade legal, não havia a ascensão de um protagonismo negro, como vemos hoje no período pós lei, e mesmo assim, a autora inovou ao apresentar a temática com estilo e poesia. A narrativa se vincula ao universo infantil tanto pela abordagem estética e lúdica quanto pela experiência sensível da leitura e pelos espaços abertos que fazem o leitor recorrer a sua imaginação.

Hoje, com tantas obras que abordam a temática aqui apontada, o livro de Ana Maria Machado pode não atender as expectativas de valorização da cultura afrodescendentes, por não trazer tanta variedade das características desse povo, podendo deixar a desejar o sentimento de pertença a suas raízes, e a falta de visibilidade às expressões literárias e artísticas afro-brasileira presentes nas vivências.

Até aqui, falamos apenas de como a narrativa vem encantado diversos leitores, mas também queremos destacar como as ilustrações contribuem para a disseminação da igualdade do negro e a sua inserção na sociedade, a começar pela capa da obra, como é possível observar na figura 1:

Figura 1 – Fotocópia da capa de Menina Bonita do laço de fita (2005)



Fonte: Arquivo Pessoal

Desde a capa, no primeiro contato, o leitor já se vê mergulhado no universo lírico que o ilustrador, o gaúcho Claudius, proporciona. Percebemos como a ilustração valoriza a narrativa, pois como a linguagem e visual é bastante atrativa para as crianças. A capa retrata com delicadeza a menina com seu penteado afro (as trancinhas) e com acessórios coloridos que colaboram para uma identificação positiva do leitor afrodescendente, apresentando também o amor que o coelho sente por ela. Nesse patamar, o livro se vale de um arsenal de ilustrações que reforçam os aspectos culturais, sociais, psicológicos e linguísticos da narrativa, contribuindo para a representação da família, o encontro com a diferença, a influência genética e o autoconhecimento. Vale ressaltar que poucas obras publicadas com essa temática são criações estéticas enriquecidas pelo forte e significativo

diálogo que fazem com a linguagem visual nela presente, assim, autora e ilustrador inovam.

Ana Maria Machado é uma das mais importantes escritoras do nosso país. Já publicou mais de cem livros e ganhou vários prêmios, entre eles, três Jabutis, o Machado de Assis e o Hans Christian Andersen – o mais importante prêmio literário da literatura infantil e juvenil, considerado o pequeno Nobel de Literatura. Em 2003, foi eleita para a cadeira nº. 1 da Academia Brasileira de Letras. Presidiu a Academia entre 2012 e 2013, sendo a primeira escritora de livros infantis a fazer parte da ABL.

Assim, permanecemos justificando nossa escolha de se trabalhar com obras como *a Menina Bonita de Laço de Fita* (1986), pois, é preciso estarmos atentos, principalmente nós professores, para “[...] a importância de uma produção literária que contribua para valorizar e ressignificar a memória do segmento étnico racial negro, preterido ao longo do tempo das nossas produções de maneira positiva” (OLIVEIRA, 2010, p. 168).

O nosso *corpus*, como arte, quando bem trabalha em sala de aula, ajuda a desmontar os valores já solidificados, como afirma Cagneti (2013):

Acredito num trabalho efetivo com a literatura, pois, como arte e não catecismo, ciência ou jornalismo – despretensiosamente -, vai desconstruindo valores solidificados, visões de mundo cristalizadas, relativizando ideias e sugerindo ressignificações que possam oportunizar novos modos de encarar a vida, a morte e os homens a ela presos ... (CAGNETI, 2013, p.16).

Assim, por meio da literatura, buscamos contribuir para a (re) valorização da cultura brasileira de matriz africana e, por consequência, para (re) afirmar a identidade afro-brasileira por intermédio da desmitificação de estereótipos atribuídos a essa cultura no ambiente escolar e fora dele.

3.2 Refletindo sobre os estereótipos na literatura

Para iniciar um livro, um conto, uma crônica ou qualquer obra literária o autor deve pensar antes como será o seu personagem, quais suas características físicas e sentimentais, e só através de toda montagem biográfica pode-se inserir o personagem no enredo. No caso do livro *Menina bonita do laço de fita* (1986), Ana Maria Machado criou

sua personagem expondo também a realidade, valorizando a cultura étnica-racial, coisa que poucos autores ‘brancos’ sabem fazer.

A narrativa trata de uma realidade que se faz presente no cotidiano infantil e que propicia o silenciamento e a internalização do ideal de branqueamento por parte das crianças num primeiro momento e posteriormente pelo adulto, em consequência disso se evidencia uma resistência voltada para um preconceito implícito que dificulta inconscientemente a valorização da literatura afrodescendente e a atentar-se para importância de se trabalhar com esta temática.

Um dos principais fatores estruturantes de uma narrativa são as personagens, as quais, conforme Coelho (2005), são:

[...] a transfiguração de uma realidade humana [...] transposta para o plano da realidade estética (ou literária). Não há ação narrativa sem personagens que a executem ou vivam. A personagem é o elemento decisivo da efabulação, pois nela se centra o interesse do leitor. Adultos ou crianças, todos nós ficamos presos àquilo que acontece às personagens ou àquilo que elas são. (COELHO, 2005, p. 74)

Tendo em vista que o leitor irá ler com a intenção de se identificar com o personagem, sabe-se que, sendo o personagem com características afrodescendentes e o leitor também as tenha, o interesse será muito maior, no entanto, há algum tempo, apenas existiam na literatura infantil estereótipos.

Na leitura comum, a relação do leitor com a obra é afetiva; ela se manifesta pela identificação do leitor com a história, com os lemas tratados, com as personagens’. Essa identificação, segundo os pesquisadores franceses, consiste em o leitor ‘afirmar sua personalidade graças ao livro, formulando julgamentos éticos a propósito de situações ou personagens, prolongando ao mesmo tempo nas leituras, experiências ou questionamentos pessoais. (FARIA, 2010, p. 15-16)

Ao analisar, por exemplo, as personagens da Disney, podemos perceber que a única que chegaria próximo da *Menina bonita do laço de fita* (1986) seria a personagem do filme *A princesa e o sapo* (2009), no entanto, não são mostradas características afrodescendentes como, por exemplo, cabelos crespos ou cacheados, porém mostra a princesa como filha de pobres que trabalham muito em pró da realização de seus sonhos,

a ideia de escravatura por traz do filme existe, e permanece até o fim, acobertada por ideia de independência da personagem que faz de tudo para realizar seus objetivos.

Além de serem poucos os livros que trazem personagens negras, são ainda mais raros os que a valorizam principalmente enaltecendo o título com um adjetivo. A estória da *Menina bonita do laço de fita* (1986) mostra a admiração e a valorização de sua cor e de suas características por um coelho branco, dificilmente isso aconteceria com seres humanos devido ao preconceito racial.

A obra literária aqui estudada traz uma inovação, uma característica peculiar e de valorização, mostra a beleza negra como algo inigualável, deixando de lado assim todas as teorias negativas e preconceituosas. Antes os personagens eram citados de maneira degradáveis, geralmente o personagem negro era empregado ou bandido nos livros de literatura. O tema da raça e da animalidade também está presente nos textos. Era o marcador racial que situava os personagens negros nas narrativas, por exemplo, muitos personagens não tinham nome, eram chamados de negrinho, neguinho, preto. O corpo dos personagens negros era coisificado e descrito a partir de elementos estereotipados: cabelo pixaim, beijudo, nariz de venta. Os textos reproduziam a representação dos negros no campo científico em meados do século XIX, isto é, abaixo dos brancos que ocupavam um lugar privilegiado e superior, dentro de uma cadeia evolutiva. Temas e questões latentes na nossa sociedade que marcam a trajetória dos afro-brasileiros, como a escravidão, racismo e construção de estereótipos, são salientados nas obras literárias destinadas ao público infantil e juvenil.

[...] somente ocupa funções de serviçal (setor doméstico ou industrial e aí pode ter um uniforme profissional que o defina enquanto tal e que o limite nessa atividade, seja mordomo ou operário...). Normalmente é desempregado, subalterno, tornando claro que é coadjuvante na ação e, por consequência, coadjuvante na vida. (PASQUALINI, 2007, p. 71)

Em sua maioria, o negro, apresentado na literatura infantil e juvenil, ocupa posições de servidão, é sempre o serviçal, o escravo, o trabalhador, geralmente não aparece como patrão ou nobre, nem mesmo como protagonista das histórias.

O autor Pasqualini (2007) aponta que o modo como o branco vê o negro foi moldado desde a infância pelas histórias em que a negritude era associada ao mal e os que faziam mal eram os negros. Para o autor, basta lembrar de algumas cantigas e estórias que o adulto utiliza ou utilizava para assustar as crianças (ou até como forma de ninar).

O exemplo: Boi da cara preta, O homem da pasta preta, entre outras. A (auto) percepção inferiorizada dos personagens negros também é uma maneira de compreender as consequências do racismo a brasileira, quando se leva o outro (discriminado) a rejeitar a si mesmo e a desejar ter uma aparência considerada condizente com o padrão ideal de beleza, normal: o branco no caso.

No entanto, segundo Coelho (2005) a literatura infantil e juvenil brasileira teve grandes avanços quando Monteiro Lobato (1882-1948) decidiu se libertar do espelho europeu, e passou a valorizar a cultura do folclore, dando voz a Tia Nastácia o que para época é algo de grande significação. Desde então, a literatura para crianças e jovens tem avançado e junto com ela a aceitação da sociedade perante sua própria cultura, a valorização para aprender a respeitar e amar um legado negro que está impregnado em tudo o que aqui se faz, quer se trate de música, ritmo, dança, carnaval, teatro, romance, poesia, culinária, artes plásticas, lutas marciais, folguedos, para não falar da própria língua que falamos, de gostos que cultivamos, de valores que orientam nossa conduta e até mesmo do jeitinho característico do brasileiro andar.

3.2.1 A temática em sala de aula: “A influência da literatura afro-brasileira uma linguagem figurada e derivada”

Trouxemos como constatação de um período de estudo sobre a influência da literatura afro-brasileira, este relatório final, tem por objetivo apresentar informações acerca do período de estágio referente às disciplinas de Estágio IV e V, do curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, realizado em um Centro Profissionalizante, na cidade de João Pessoa, com uma turma do Ensino Fundamental II (6º ano), no turno da tarde.

O principal foco da intervenção foi fazer com que os alunos obtivessem contato com a literatura afro-brasileira e palavras derivadas da cultura a partir da colonização, através da aproximação com diversos textos de diversos gêneros, como canção, poema, pintura, animação, charge etc. de modo que se realizassem um trabalho com as ações de linguagem que eles propiciam individualmente e mutuamente, pois é a partir da compreensão dos textos que se formulam os pensamentos, se obtém informações acerca dos temas e o tempo histórico que ele aborda. Atentamo-nos aos atuais textos que rondam o tempo histórico que o projeto de estágio esteve inserido, a saber, as efervescências

acerca do trabalho e os trabalhadores, devido ao contexto político vigente a ele, a fim de abordá-los em um trabalho de descoberta das maneiras como a língua e seus usuários se manifestam.

Hoje vivemos em um momento na história do ensino onde o mesmo se encontra cercado por ideais comprometedores da sua eficácia, seja por ideias mais antigas que refletem metodologias e práticas mais tradicionais, mesmo hoje passado muito tempo desde a origem das concepções que as envolvam, seja por ideias novas, mas não tanto assim, por quase sempre, seja por via de imposições político-pedagógicas, seja por receio de inovar nos métodos, acabam por conservar perspectivas que, pelo menos no quesito que este relatório trata, literatura e ensino de língua portuguesa, atrasam a escola dos avanços que estas áreas no campo das humanidades vem obtendo. A primeira pela diversificação cada vez mais rica, tanto em sua manifestação estética no contexto de produção literária quanto como a forma de abordar e lidar com essas novas produções; e a segunda, nas novas formas de trabalho com a língua além da abordagem tradicional e separatista, a saber: português-produção de texto-literatura.

Este relatório demonstra que fomos além da abordagem tradicional, e expõe um trabalho mútuo entre o exercício em sala da língua, literatura e produção textual. Com esta proposta de intervenção também inserimos no contexto atual do cenário sociopolítico, e justo por isso selecionamos os textos a partir da situação sócio histórica, a qual ela está presente, em que a diversidade sociocultural vem sendo realizada por parte do governo que culminam em um descaso com a classe afro-brasileira. Como afirma Ana Mariza Ribeiro Filipouski (2009) e Diana Maria Marchi (2009), o sujeito vive em decorrência das interações sociais, e nós como protagonistas na construção da cidadania desses sujeitos, vimo-nos sob a responsabilidade de realizar um trabalho que visasse a formação do senso ético e participativo na convivência social a partir da literatura e da língua.

Quando foi decidido construir o projeto didático, muitas coisas foram levadas em consideração, sendo elas: o contexto social-político pelo qual o nosso país passa, os assuntos e as atividades já abordados em sala pela professora, a facilidade de cognição e a boa receptividade dos alunos em relação ao tema e o acesso a bons materiais (poemas, músicas, contos) que tivemos à nossa disposição.

Sabemos que a história discorre sobre as diferentes cores de pele, com o objetivo de ampliar o universo de referências culturais dos alunos nas diferentes áreas de

conhecimento e melhorar a prática de letramento no âmbito escolar. Acredito que toda criança e jovens já se perguntaram, por que somos de cores diferentes?

Os Cadernos negros produzem uma literatura que explicita um lugar político dos autores, usando a literatura como ponto de partida para a busca da nossa identidade nacional mestiça. Há na literatura um olhar negro sobre o mundo, muitos a chamam de literatura negra, outros afro-brasileira. Para Pereira (2014), podemos estudar a literatura afro-brasileira como também podemos estudar a língua, faz parte do contexto social respeitar a formação da língua através da sua história. Nas aulas, o projeto sugeriu que fosse centro das aulas o texto e as práticas de leitura e de produção que ele demanda. Ler e produzir textos são fenômenos eminentemente dialógicos, frutos do trabalho de linguagem de sujeitos históricos, da ação interacional de seres humanos que se constituem na linguagem, e pela linguagem.

Toda a metodologia do projeto sugeria respeitar o desenvolvimento subjetivo dos alunos, sendo assim esteve passível de mudança no decorrer do passo a passo do processo. Entendemos por processo, o trabalho com os mecanismos de compreensão da língua que o professor desenvolve junto com os alunos, as quais este apreende e faz uso sempre que possível no decorrer de sua vida. A metodologia utilizada no projeto teve como principal foco fazer com que os alunos obtivessem contato com a leitura, a fim de a entenderem além da codificação apenas, pois é a partir da compreensão do texto literário que se formula os pensamentos, se obtém informações acerca dos temas e do tempo histórico que ele aborda e se descobre as maneiras como a língua e seus usuários se manifestam.

A literatura afro-brasileira e suas linguagens trazem consigo um aparato de descobertas e culturas, ela é a nossa língua é a nossa cultura, afinal os africanos tiveram sua participação na construção histórica do Brasil. Deste modo, sugeriu-se para o contato com os textos uma maneira expositiva dos diferentes gêneros literários para o desenvolvimento de diferentes habilidades de leitura, tudo isso respeitando uma familiaridade organizada entre eles. O tema selecionado, “A influência da literatura afro-brasileira uma linguagem figurada e derivada”, teve a finalidade de cumprir com o papel da escola de formadora de conhecimentos socialmente relevantes e de transmissora de saberes de referência. Sendo assim, foi importante uma valorização da diversidade cultural e de raças, a qual os jovens estão inseridos no trabalho de ampliação do seu repertório e estímulo de atribuição de significado e posicionamento crítico às leituras que realizassem.

A seleção de textos aconteceu de forma não aleatória. A escolha de gêneros esteve atrelada à noção de interação dos diferentes discursos e modo que se dialogam historicamente e culturalmente. Pretendeu-se que o alunado pudesse ter contato com diversos textos de diversos gêneros, de modo que se realize um trabalho com as ações de linguagem que eles propiciam individualmente e mutuamente.

O projeto foi baseado na perspectiva de que o ensino de português deve ser realizado sob duas vertentes: a prática da leitura e a prática da escrita, em que nesse engajamos o aprendizado da gramática. Estes dois objetos devem ser explorados de maneira que o aluno consiga absorver, retransmitir, criar, recriar e por em prática, autonomamente, todo o estudo compreendido. Assim, a professora da turma abraçou com entusiasmo a proposta o nosso projeto por abarcar um tema atualíssimo e cheio de possibilidades.

Visando fugir de uma metodologia ultrapassada e tradicionalista, o projeto buscou tirar os alunos das ideias racistas e preconceituosas geradas graças a estereótipos, fazendo com que os alunos percebam a importância histórica que os afrodescendentes tiveram para o Brasil, tentando livrar, ainda, da constante passividade quanto ao ver ou sofrer preconceitos, assim tornando-o mais ativo no meio escolar. Sendo assim, a elaboração de projetos requer bastante observação, planejamento e análise, para que seja posto em prática da maneira mais proveitosa possível.

3.2.2 Resumo das atividades realizadas no Estágio supervisionado

Debate e compreensão histórica das nossas origens: Na primeira aula, apresentamos o livro *Menina bonita do laço de fita* (1996), de Ana Maria Machado fizemos a análise junto com os alunos e depois iniciamos a parte histórica dos afro-brasileiros, mostramos para eles a importância da sua cultura e como surgiu devido à colonização, à transformação da língua e dos costumes.

Dessa forma, foram selecionados textos, acerca do momento sócio histórico que a obra elenca, impressões estéticas, diálogos etc. Em muitos dos momentos nos deparávamos com interpretações que extrapolavam o texto, ou pelo menos o que se pretendia com ele, então era exigido um “jogo de cintura” para que colocássemos de novo a discussão “nos eixos”. Não entendemos por eixo uma visão estrita, ou um caminho

único e inquestionável que possa vir a ser a interpretação, mas um direcionamento que corresponda às lógicas pertencentes ao texto, que tragam relevância para sua reafirmação estética ou social, elementos centrais que propusemos elencar na nossa intervenção.

Por fim, responderam um questionário baseando-se nas informações dadas junto com as aulas expositivas, e acabaram por não elaborar respostas extensas, porém, no debate eles mostraram interesse e atenção, fazendo comentários e argumentando a respeito do assunto.

Primórdios da representação literária: mitologia afro-brasileira: Na segunda aula, foi pedido para os alunos pesquisassem acerca de um conto de seu interesse para produzir uma discussão, cada conto iria falar de um contexto social envolvendo o racismo que ainda se faz presente no Brasil, e por essa questão os afrodescendentes sofrem tanto com a desigualdade social por não terem oportunidades devido ao preconceito; em seguida, foi pedido que produzissem um texto com formato que ficasse a critério da escolha deles, e o pedido foi contemplado e executado de maneira satisfatória. Entende-se por satisfatória a condição de ter sido elaborada e executada a tempo e em circunstâncias (como boa quantidade de alunos presentes) positivas.

Com a canção de Clara Nunes, O canto das três raças, tivemos a intenção de explorar os elementos linguísticos presentes na música: qual linguagem é utilizada (formal ou informal) e como podemos saber disso? Também tentamos alçar o teor altamente reflexivo e o contexto sócio histórico. Como resultado, os alunos demonstraram um entusiasmo razoável, e poucos respondiam às perguntas, talvez por vergonha, mas os que respondiam demonstravam muito interesse e faziam apontamentos relevantes.

A língua africana e sua influência no Brasil: Na aula subsequente, levamos palavras de origem africanas. Ao longo da atividade, fomos explorando as percepções dessas palavras e fizemos observações da mudança das mesmas e das influências sofrida ao decorrer dos anos devido a modificação linguística e das culturas indígenas e europeias, pedindo-lhes para anotarem no caderno. O roteiro de observações contribuiu bastante para o fluxo da aula, pois na medida que eles iam respondendo as nossas questões iam encadeando um clareamento sobre a derivação de palavras e as palavras primitivas. O que ela tratava, a codificação e significado, parecia já ser algo conhecido pelos alunos, exatamente porque eles já usaram ou usam as palavras, mas não sabiam que sua origem era africana isso contribuiu para que eles compreendessem tais conhecimentos com as expressões estéticas e recursos linguísticos que a pesquisa ajuda.

Ao terminarem as pesquisas de significados nos divertimos ao perceber que todas aquelas palavras faziam parte da cultura nordestina, o que não os deixou surpresos, afinal, nas aulas anteriores eles haviam aprendido que era na região nordeste onde os africanos possuíam a cultura enraizada.

A poesia afro-brasileira: Na última aula, levamos a poesia de Dione Silva, Sou negro. Queríamos fazê-los com que tivessem um contato maior com a leitura de poesias afro-brasileira, pois é sabido que as aulas não têm tempo suficiente, muitas vezes, para que se concretize uma leitura crítica, de livros ou até mesmo o conto ou a crônica. Ninguém conhecia o texto. Exploramos a percepção: o que o título sugeria? Como deveria ser um título de um texto, na perspectiva deles? E prosseguimos com a leitura interpretativa. Decidimos criar uma história a partir do poema e ao final, todos estavam surpresos e comovidos com a história, e alguns até choraram emocionados. “É difícil imaginar tal cena”, alguém comentou, em relação ao desfecho do conto.

A criação do conto de maneira oral e com o sentido figurado não extraiu o sentido denotativo, o real, o histórico e acima de tudo o que fez e faz parte da nossa realidade. O intuito foi mostrar a eles que o preconceito existe que pessoas sofrem e que não é correto alimentar e sim combater.

Produção de um Sarau Literário – Afro-culturas: A produção do sarau foi para nós uma impressão em particular do todo da intervenção, porque foi o momento que pudemos explorar melhor os alunos, no sentido estético e físico da recepção da obra, de tudo que havia sido trabalhado. No estético, pudemos perceber que uma leitura mais avançada, ou um outro nível de análise, mais rebuscado e preciso, era impedido pelo receio do tema polêmico. Os alunos, mesmo estando no primeiro ano, não possuíam um bom nível de informações.

No entanto, eles se envolveram para criar o sarau, a peça, os cartazes, a pesquisa de poemas e a organização da contação de histórias, ficou tudo perfeito, eles dedicaram-se e o “Sarau Literário – Afro-culturas” foi produzido de maneira extraordinária, com muita dedicação e entusiasmo.

Percebemos então o interesse daqueles alunos, principalmente num contexto específico onde um sujeito ou vários estão a construir-se a partir do outro, ou vice-versa. Salientamos que a experiência de nos inserirmos em uma realidade onde o trabalho humano de construção de caráter foi de total êxtase para essa pesquisa acadêmica, porque apesar das turbulências, no final tudo serve de aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é apenas o início da construção de um trabalho, já que a reflexão do tema, aqui proposto, é um campo a desbravar. Trouxemos apenas alguns pontos e não nos colocamos com tanta abrangência, já que o estudo é limitado e com um tempo de pesquisa muito aquém da necessidade e da complexidade que o tema exige.

Contudo, podemos afirmar que a identidade da raça negra é fruto de um processo histórico, em que a ideia de submissão foi perpetrada por séculos. Mas, não se pode negar a força que os militantes do movimento negro tem feito para limar esse estigma de “inferioridade” que insiste em atrapalhar o ideário de liberdade e igualdade dos negros em sociedade.

Compreender a riqueza e a complexidade da cultura afro é um modo de enxergamos, outrossim, a riqueza cultural e a história existente, somente assim conseguiremos descartar a imagem negativa do negro. Só por meio do conhecimento, vamos conseguir acabar com o nosso preconceito, sobretudo, valorizar a participação das culturas africanas no processo civilizatório brasileiro, construindo atitudes que valorizam as raízes culturais e éticas dos povos formadores da nação brasileira, livre de preconceitos e respeitando as diferenças.

Respeitar as diferenças não quer dizer que devemos “deixar o outro ser igual a mim”, mas entender que ele pode ser diferente de nós, e nós sermos diferentes dele, respeitando a identidade. Nesse contexto, entendemos que o tema “identidade” não pode ser trabalhado separado do seu oposto que é o da diferença. A proposta de uma educação voltada à diversidade, respeito às diferenças, nos coloca em um grande desafio, precisamos estar atentos às diferenças econômicas, sociais e não somente raciais, buscando o domínio de um saber mais crítico acerca dos problemas da sociedade.

A partir do estudo realizado, entender o papel da literatura que é fonte de conhecimento capaz de humanizar o ser humano frente aos problemas enfrentados na sociedade, visando promover reflexões a partir de leituras, influenciando dessa forma na visão final sobre o que é diferente. Como Antônio Candido (1995) coloca: tornar o homem mais compreensivo e aberto para a natureza, sociedade, o semelhante. Sendo a história *Menina Bonita de Laço de Fita* (1986), uma ótima sugestão de atividade para mudança de atitude.

Desse modo, entendemos que a educação é o meio de atingirmos a sociedade ideal. Somente através da tomada de consciência que mudaremos a realidade existente, em que a busca constante do poder contribui para o esquecimento do que é indispensável ao ser humano, que faz parte dos bens incompreensíveis da igualdade e da justiça. Assim, como destaca Antônio Candido (1995), os bens incompreensíveis são aqueles que não podem ser negados a ninguém. Pois,

O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompreensibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não é para a outra. (CANDIDO, 1995, p. 240)

A partir da história *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), de Ana Maria Machado foi possível desenvolver o tema identidade e diferença, atingindo, assim, o objetivo desta pesquisa e do estágio supervisionado de apresentar a riqueza da diversidade étnico-cultural brasileira e a apropriação de valores como respeito a si próprio e ao outro.

Sendo assim, não devemos esquecer de alimentar nossas crianças com a cultura da nossa terra enfatizando que contribui para o debate em torno da questão e abrangendo novos pontos de vista acerca da literatura feita por escritoras e escritores negros no país, a coletânea se transforma em matéria-prima fundamental para futuras pesquisas, que podem e que precisam ser realizadas. Até porque, se história é feita por homens e mulheres, do mesmo modo, ela também pode ser desfeita e reescrita, fornecendo novos indícios para que os preconceitos sejam dispersos e para que as linguagens possam ser reinventadas, fazendo com que se construam novos laços de congraçamento, que possam ultrapassar, inclusive, os limites impostos pela cor.

Deixamos, assim, a proposta de que sejam exploradas mais obras que homenageiem as raízes negras do Brasil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/ SEF, 2004. Disponível em: < <http://www.uel.br>>. Acesso em: 20 Jul. 2019.

COELHO, Nelly Novaes. **Teoria, análise e didática**. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Literatura infantil juvenil: diálogos Brasil-África**/ Sueli de Souza Cagneti, Cleber Fabiano da Silva. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. – (Série Conversas com o Professor, 3).

DEBUS, Eliane Santana Dias. A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil de Júlio Emílio Braz. In: **Tecendo literatura: entre vozes e leituras**. Organizado por Nelly Novaes Coelho; Maria Zilda da Cunha e Maria Auxiliadora Fontana Baseio. São Paulo : FFLCH-USP, 2013.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto: 2010.

_____. A representação do negro na literatura para crianças e jovens: negação ou construção de uma identidade? In: **Imaginário, identidades e margens: estudos em torno da literatura infanto-juvenil**. Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2007. p. 262-269.

MACÊDO, Jhennefer Alves . **Do esquecimento ao protagonismo: as princesas negras na Literatura juvenil**. Monografia (Graduação em Letras - língua portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa, 2017. Disponível em: <http://www.ufpb.br/geef/contents/documentos/do-esquecimento-ao-protagonismo.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do laço de Fita**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira e moçambicana (2000 – 2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes**. Tese (Doutoramento em Letras). Departamento em Letras, UFPB, João Pessoa: [s.n.], 2010. 301f.

PASQUALINI, Joseni Terezinha Frainer. **Caderno de estudos: literatura infantojuvenil**. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2007

PEREIRA, Almilcar Araújo (Org.). **Educação das relações étnico-raciais no Brasil: trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula.** Brasília, DF: Fundação Vale, 2014. 88 p.

SOUZA, Gloria Pimentel C. B. de. Panorama e percurso da literatura brasileira destinada a crianças e jovens. In: **A literatura infanto-juvenil brasileira vai muito bem, obrigada!**. São Paulo: DCL, 2006.